

Vingança

Quando o telefone tocou no início daquela tarde, senti algo diferente, uma angústia que instantaneamente paralisou as minhas ações. Dentro da área médica há muitos anos e há pelo menos dez, especializado em oncologia, eu já estava acostumado a receber ligações nas mais diversas ocasiões. Ligações que, na maioria das vezes, tinham do outro lado pessoas aflitas, em busca de conforto para o corpo e para a alma. Mas... Inexplicavelmente, durante alguns segundos, inúmeras imagens se formaram em meu pensamento.

Refiz-me a tempo de tirar o fone do gancho, antes que ele parasse de tocar. Atendi sem demonstrar nenhuma perturbação.

- Pois, não?

- *Doutor. É da santa casa de Pequena Cidade. O senhor pode atender?*

- Claro, Fernanda! Pode transferir, por favor. Quando terminar, eu avisarei para que você faça entrar o próximo paciente.

- *OK. Só um minuto, doutor.*

Enquanto a secretária da clínica transferia a ligação, pensei na Pequena Cidade da minha infância...

- *Alô? Doutor Carlos?*

- Ele mesmo.

- *Como vai Doutor? É a Clara, da santa casa de Pequena Cidade. Tudo bem com o senhor?*

- Olá, Clara. Eu estou bem e vocês?

- *Tudo bem, Doutor. Que bom poder falar com o senhor. Desculpe ligar novamente, mas a irmã Maria pediu para perguntara se o senhor poderia vir para cá. Estamos com um paciente terminal. Já foi diagnosticado um câncer generalizado, mas o senhor poderia conduzir melhor essa situação, já que não temos especialistas na área.*

- O quadro do paciente é estável?

- *Sim, doutor. Ele estava com dores, fizemos medicação e agora ele dorme.*

- Ótimo, Clara! Podem me esperar, pois eu irei sim. Tenho ainda mais duas consultas. Sairei por volta das quatro da tarde. No mais tardar, às cinco estarei aí.

- *Obrigado, Doutor. O senhor sabe que não temos como agradecer.*

- Ora, Clara, o trabalho que vocês realizam com a população de Pequena Cidade é o melhor agradecimento que eu poderia receber. Abraço e até mais tarde.

- *Até, Doutor. Boa viagem.*

Aquela conversa parecia justificar o meu desconforto ao toque do telefone.

- Fernanda?

- *Senhor.*

- Não agende mais nenhum paciente hoje, por favor.

- *Sim, senhor.*

- Obrigado. Pode mandar entrar o próximo.

A santa casa de Pequena Cidade estava muito bem aparelhada e o meu vínculo com aquela instituição ia além do profissionalismo. Desde que me formara, eu passara a ajudar, naquilo que estava ao meu alcance, o único recurso médico dos moradores daquele lugar. Através de ajuda financeira, atendimento gratuito, orientação na administração e sobretudo, presença nos momentos mais difíceis, eu me sentia realizado em poder prestar serviço no local em que nascera, crescera e que só deixara, na juventude, em busca de uma vida nova. Pequena Cidade ainda fazia parte de minha vida e havia muitos motivos para isso...

- Fernanda, você pode vir até a minha sala?

- *Já estou indo, doutor.*

- Com licença?

- Não tem mais nenhum paciente?

- Não senhor. Todos já foram atendidos.

- Vou para Pequena Cidade e não tenho hora para voltar. Em caso de qualquer emergência, estarei na santa casa. Também estou levando o celular.

- Algo muito sério, doutor Carlos?

- Segundo me falaram, um paciente com câncer. Terei que avaliar a real gravidade do quadro, mas a palavra câncer assusta, principalmente aqueles que não lidam com isso diariamente.

- Alguém conhecido do senhor?

- Não perguntei, Fernanda. Eu conheço muita gente lá... Um médico também tem sentimentos... Sobre a agenda de amanhã, pode manter. Se houver alguma necessidade de mudança, eu ligarei avisando.

- Tudo bem, doutor. Ficarei até às seis e depois fecharei a clínica.

- Ótimo.

- Boa viagem, doutor.

- Obrigado, Fernanda.

A palavra viagem soou estranho. Eu sempre ia para Pequena Cidade, mas nunca considerava uma viagem. Boa viagem, doutor... Viagem... Aquilo ficou martelando em meu pensamento, até que as preocupações do dia-a-dia voltaram a ocupar o seu lugar, em meio às minhas divagações.

Como de costume, fui direto para a santa casa e entrei pelos fundos, para não chamar a atenção. Passando pela cozinha, que estava vazia, sentei para tomar uma xícara de café. Eu estava um pouco ansioso. Ao passar pelo corredor, irmã Maria me viu e veio ao meu encontro.

- Olá, doutor Carlos! Que bom que o senhor veio.

- Não poderia deixar de atender o seu chamado, irmã.

- Desculpe mais esse incômodo.

- Não se preocupe, assim como já falei para a Clara, poder colaborar com esse trabalho maravilhoso, que vocês realizam, é muito gratificante.

- Realmente, não é fácil atender a tantos pacientes, sem recursos e que necessitam de cuidados médicos. Ainda bem que existem boas pessoas como o senhor.

- Por falar em paciente... Vim para ver aquele que a senhora me pediu.

- Ele está no quarto quatorze e está sozinho agora.

- Eu o conheço?

- Sim.

- Vou até lá.

- Por favor, meu filho. Ele já perguntou por você.

Não tive a coragem de perguntar quem era e percebi que a irmã Maria também não fez nenhum esforço em revelar de quem se tratava. Quem poderia ser? Tudo estava um tanto nebuloso...

Dei uma pequena batida na porta do quarto e entrei sem fazer barulho. A caminhada até a cama pareceu levar uma eternidade. Assustei-me com a recepção.

- Ora, ora. E não é que o cidadão mais ilustre da cidade veio me ver?

- Alberto?

- Pensei que, ao saber quem estava doente, você não viesse.

- Eu realmente não sabia, Alberto. Mas, mesmo que soubesse, viria assim mesmo.

- Como é o destino, não é mesmo doutor Carlos? Quem diria que um dia eu estaria nas suas mãos. A vida nos prega muitas peças...

- Prefiro acreditar que as coisas são como devem ser e se hoje nos encontramos é porque isso deve ser bom para nós dois.

- Essa é a oportunidade por que esperou durante anos, não é mesmo?

A afirmação me chocou profundamente.

- Não espero por nada, Alberto. Estou aqui para atender um chamado. O que você está sentindo?

- Você já percebeu que, dependendo do que acontecer comigo, finalmente poderá ter Mariana ao seu lado?

- Não vamos falar sobre isso, Alberto. O passado em nada vai nos ajudar agora. Fique um pouco quieto, por favor, quero medir a sua temperatura.

- O bom menino Carlos... Posso confiar em você?

- Você não está febril. Sente alguma dor?

- Sinto.

- Vou fazer uma medicação na veia.

- É a sua chance.

- Pare com isso, Alberto. Eu preciso te medicar...

- Você não me perdoa, não é mesmo Carlos?

- Isso não vem ao caso.

- Se você não conversar comigo, eu não te ajudarei.

- Você parece criança, Alberto.

- Eu não roubei nada de você...

- Veja só. Eu já apliquei o remédio e nada de ruim te aconteceu.

- Mariana escolheu a mim...

- Agora você tem que ficar deitado.

- Não forcei nada...

- Nós nos gostávamos, Alberto. Todo mundo sabia disso.

- Ah! Resolveu falar, não é doutor.

- E isso é algum segredo? Normalmente ficaríamos juntos e você sabia disso.

Deite-se, por favor.

- O garoto mais inteligente e a garota mais bonita.

- É, a garota mais bonita e isso, para você, era como se fosse um troféu a ser conquistado.

- Eu já disse que foi ela quem escolheu.

- Eu não poderia competir com o garoto mais bonito do bairro. Você era mais novo, mais forte e ainda por cima, mais rico. Eu sabia o meu lugar.

- Não se faça de coitado, Carlos.

A ocasião era imprópria, mas não consegui evitar que o nosso passado viesse à tona. Pela primeira vez, conversava com alguém sobre a minha maior perda, e era logo com Alberto.

- Posso sentar-me na cama?

- Claro, fique à vontade.

- Fazer-me de coitado, Alberto? Essa foi boa... Nem na época agi assim. Não tive tempo para lamentações. Quando soube, decidi dar um novo rumo à minha vida e não me arrependo disso.

- Também não me arrependo do que fiz, Carlos. É certo que nunca fui um bom marido ou um pai exemplar...

- E nem precisaria ser. Mariana aprendeu a te amar, do jeito que você era, mesmo com sua vida de playboy.

- Essa vida está me custando muito caro.

- Talvez o que você fez, bebeu ou consumiu, tenha prejudicado a sua saúde, mas você ainda a tem e precisa lutar por ela.

- Eu lutaria por Mariana e pelas crianças, por mim não. Vamos, doutor! Não agüento mais, acabe logo com isso. Eu sei que você ainda espera por Mariana.

- Não diga tolices, Alberto.

- A vingança é um prato que se come frio, não é mesmo? Já é tempo. Não perca mais tempo.

- Isso nunca vai acontecer, ouviu bem Alberto! Isso nunca vai acontecer!

Ao ouvir essas palavras, Alberto fechou os olhos. O seu semblante mudou completamente, do sofrimento à tranquilidade. Pude perceber um leve sorriso, e em seguida ele desfaleceu. Dei-lhe um abraço apertado e não pude conter as lágrimas.

- Descanse em paz, meu irmão. Você não imagina o quanto foi difícil manter segredo sobre a sua adoção. Assim estava prometido e assim foi feito. Tenha certeza que papai e mamãe estão sofrendo com a sua partida tanto quanto os seus pais de criação. Do jeito que você é, nunca entenderia o que a vida nos reservou. Quanto a Mariana e seus filhos, não se preocupe. Cuidarei deles à distância, pois, como você sempre soube, eu os amo de todo o coração. Seguirei o meu caminho, sozinho, assim

como fiz quando descobri que aqueles a quem eu mais amava estavam destinados um ao outro.

Vitor Fernandes